

POR JUAREZ PEREIRA

Técnico em Embalagem
E-mail: empapel@empapel.org.br

ADEQUAÇÃO DA EMBALAGEM AO PALETE 1000X1200

Como complementação do artigo anterior, mas com foco no espaço disponível para o transporte e movimentação das unidades de carga (um palete com as caixas sobrepostas, por exemplo), vamos exemplificar uma situação em que a superfície do palete é “totalmente” aproveitada em virtude da adequação dimensional da embalagem (ou não é totalmente aproveitada em virtude da inadequação dimensional da embalagem).

Fizemos a introdução acima porque há uma relação estreita entre o que dissemos nos parágrafos finais do artigo e a superfície do palete, cujas dimensões 1000x1200, determinam as dimensões, Comprimento e Largura, das embalagens. Falávamos das embalagens hortifrutícolas que se tornaram modulares por haver uma embalagem, aquela de maiores dimensões na base, determinando as dimensões de outras embalagens menores que lhe são sobrepostas.

Para o setor hortifrutícola, referido acima, uma padronização dimensional já existe, e até mesmo uma adequação entre embalagens plásticas e de papelão ondulado também já foi estudada e definida no âmbito do CEAGESP/SP. Ou seja, como o dimensional “modular” já é uma realidade (e começou com as embalagens para hortifrutícolas), o CEAGESP procurou reunir fabricantes de embalagens de papelão ondulado e fabricantes de embalagens fabricadas com outros materiais para que houvesse uma padronização e harmonização, entendendo como tal a possibilidade de outras embalagens, não de papelão ondulado, serem empilhadas num mesmo palete juntamente com embalagens de papelão ondulado. Para tal, o dimensional levava em conta serem as embalagens modulares e que possibilitassem travamento entre elas (o que já era praticado nas embalagens de papelão ondulado). O estudo foi concluído e coordenado pela Associação Brasileira dos Fabricantes de Embalagens (ABRE).

Produtos outros, que não hortifrutícolas, carecem de um estudo semelhante. Conforme já comentamos no artigo anterior, tentar dimensionar embalagens para produtos como bebidas, margarinas, óleos e outros, envasados em embalagens primárias, que podem ser de vidro, plástico, cartão ou outros materiais, traziam vantagens significativas: econômicas e logísticas.

Independentemente, porém, do aspecto modular, do qual tratamos em vários artigos e, inclusive, no artigo anterior, o projetista da embalagem deveria pensar numa adequação da embalagem ao palete padrão (1000x1200), tanto na movimentação interna nas fábricas, quanto no transporte para a distribuição de produtos no mercado. Verifica-se num grande volume de unidades de carga compostas por embalagens de papelão ondulado, um não aproveitamento total do espaço (superfície do palete) decorrente das dimensões externas da embalagem que não permitem um arranjo, por camada, que cubra toda a superfície do palete; há vazios que mostram uma perda que normalmente não é quantificada, daí não ser equacionada em termos de custos e, possivelmente por isso, ignorada pelo fabricante do produto.

Um exercício pode nos ajudar: Vamos especificar, melhor dizendo, dimensionar, uma embalagem para 12 garrafas:

Diâmetro: 75 mm

Altura : 285 mm

Arranjo = 4x3x1

Com divisão separando as garrafas (código 0933)*

Caixa código 0201*

PO = 4 mm de espessura

Dimensões externas = 320x240x300

Espaço ocupado por camada: 1200x960 – (5x240)x(3x320)

*códigos da classificação ABNT

Podemos considerar ótimo o aproveitamento do palete. Entretanto, há garrafas mais altas e diâmetro menor (ou mais baixas e diâmetro maior), ou, até mesmo com uma forma não cilíndrica. Teríamos o mesmo aproveitamento quanto a preencher a superfície do palete?

O que aconteceria se o projetista levasse em conta, no início do desenvolvimento, as dimensões da embalagem de transporte e tomasse isso como referência para dimensionar a embalagem primária que está desenvolvendo? A resposta seria um melhor aproveitamento dos espaços disponíveis: na paletização, no armazenamento, no transporte e com reflexos no custo final de todo o processo.

Bem, muitas variáveis a serem consideradas existem. Projetistas de embalagens primárias podem considerar e tomar como aceitáveis as observações que fizemos ao selecionar a embalagem de papelão ondulado como sua embalagem de transporte. ■



O papel embala a vida

A Associação Brasileira de Embalagens em Papel (Empapel) surge como uma novidade no lugar da Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO), que desde 1974 representou o segmento. A nova associação chega com objetivo de ampliação de mercado para outros tipos de embalagens de papel, além do papelão ondulado. A Empapel nasce com a importante missão de trabalhar todo o potencial do insumo em um cenário em que os consumidores estão cada vez mais comprometidos com a economia circular – conceito que promove novas maneiras de produzir e consumir que gerem recursos a longo prazo. Atualmente, 67% das embalagens brasileiras são produzidas com fibras recicladas. A taxa de recuperação do papel produzido no Brasil para o mercado interno é de 86,3%. O Brasil está entre os principais países recicladores de papel do mundo, com 4,1 milhões de toneladas retornando para o processo produtivo, segundo dados da Indústria Brasileira de Árvores (IBA), de 2019. Há muito trabalho pela frente, como ponto de partida, a nova entidade acompanha o setor de perto, com boletins analíticos produzidos pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com este trabalho é possível identificar as necessidades do mercado, além de diferentes oportunidades de investimentos e negócios.

Conheça mais sobre a Empapel em www.empapel.org.br